

Se há um Deus ele terá de me pedir perdão de joelhos – A Noite, de Eli Wiesel, e o pensamento de Eliezer Berkovitz

William Alves Biserra (UnB)

- Se houver um Deus ele terá de me pedir perdão de joelhos: Elie Wiesel e o sagrado em *A noite* e *God on Trial*
Prof. Dr. William Alves Biserra (UnB)

RESUMO: ""-Pelo amor de Deus, onde está Deus?" Dentro de mim eu escutei uma voz dizendo "-Onde Ele está? Está aqui, pendurado neste cadafalso."" Eli Wiesel. Uma das experiências mais difíceis para os judeus levados aos campos de concentração foi como lidar com o sagrado. Afinal, se eram o povo escolhido, por que tanto sofrimento? Castigo? Expição? Holocausto? Ou talvez não houvesse nenhum sentido, talvez tudo fosse um completo absurdo, talvez não se devesse perguntar o porquê, em Auschwitz não há porquês, lembrando Primo Levi. O desespero absoluto chocava-se totalmente contra a fé milenar e o livro de Jó parecia ser tragicamente re-encenado. Eli Wiesel aborda este confronto em vários momentos de sua obra testemunhal e ficcional. Esta comunicação busca verificar como o autor aborda a questão do sagrado em dois trabalhos: "Noite", seu relato testemunhal de sobrevivência, e "God on trial" uma peça de teatro com o qual ele colaborou, ficcionalizando um julgamento de Deus em Auschwitz, feito pelos prisioneiros.

PALAVRAS-CHAVE: Eli Wiesel; Sagrado; Absurdo

O título desta reflexão foi retirado de um célebre grafite feito em Auschwitz por um prisioneiro. A lógica da culpa se inverte e quem deve pedir perdão é, não o fiel, mas Deus, que abandonou aqueles que teriam confiado nele. A Experiência do Holocausto remete todos aqueles que precisam confrontar-se com ela a ter de encarar o absurdo. A questão torna-se ainda mais delicada ao se pensar também nas implicações religiosas de um evento assim tão traumático. O problema do mal não é novo nas indagações teológicas, pelo contrário, já foi abordado incontáveis vezes ao longo da história filosófica. Uma das proposições iniciais mais inquietantes e famosas, por exemplo, foi aquela proposta por Epicuro, ao qual se atribui um raciocínio que seguiria: Ou os deuses querem impedir o mal e não podem; ou podem e não querem; ou não querem ,nem podem; ou podem e querem. No primeiro caso são fracos; no segundo, maus; no terceiro são maus e fracos e no quarto, único de acordo com o que se esperaria eticamente deles, por que não fazem?

Muitas foram as respostas dadas e muitas as outras perguntas feitas. Quando, porém, a realidade do século XX trouxe a noção de genocídio, sobretudo de um povo que se considerava escolhido, destacado, santo, o retorno a essa indagação era

inevitável. Não estava, entretanto, sozinho. A enormidade dos fatos deixou todos atônitos e mesmo um nome para os acontecimentos era algo sem consenso.

Eli Wiesel foi um dos primeiros, ainda nos anos 1940, a chamar o acontecido de “holocausto”. A escolha deste termo não é, em absoluto, pacífica. O termo holocausto vem do grego e indica uma oferenda, um tipo especial de sacrifício em que o animal inteiro é queimado. Tratar-se-ia, pois, de um sacrifício especial, completo, integral, absoluto. A enormidade do sacrifício do povo judeu não é colocada em dúvida por aqueles que disputam o termo Holocausto. O problema estaria nas outras implicações do termo. Se o povo judeu é a oferenda, então quem os sacrifica são os sacerdotes. Os nazistas estariam cumprindo uma vontade divina ao realizarem as piores atrocidades contra milhões de inocentes. Acresce que se os nazistas estavam a serviço de Deus, cuja vontade executavam, não podiam ser responsabilizados, ou seja, eram inocentes. Isso, levado a extremos, poderia inclusive ter consequências legais; eles não poderiam ser condenados. Por outro lado, se há um holocausto, estaria expiando as faltas de quem? Dos judeus ou de toda a humanidade? Nesse caso os judeus seriam o povo sacerdotal ou sacrificial? Pensando nisso, muitos optam pelo designativo hebraico de Shoa, o qual não é isento de problemas semânticos, mas parece menos carregado que “holocausto”.

Eli Wiesel inicia assim a sua tenebrosa noite:

In the beginning there was faith—which is childish; trust—which is vain; and illusion—which is dangerous. We believed in God, trusted in man, and lived with the illusion that every one of us has been entrusted with a sacred spark from the Shekhinah's flame; that every one of us carries in his eyes and in his soul a reflection of God's image. *That* was the source if not the cause of all our ordeals. (WIESEL, 2006:13)

Esse seria um trecho do prefácio, em seguida abandonado por Wiesel, que o achou muito agressivo. A desilusão é fortíssima e recebe o leitor logo nas orimeiras linhas da primeira página. Sentimentos e atitudes que seriam consideradas positivas e estimuladas pela prática religiosa são virulentamente atacadas e culpabilizadas pela tragédia que se abateu sobre o povo. O estilo utilizado resgata o livro do gênesis (chamado em hebraico por suas palavras de abertura “bereshit”- “no início”.) Essa estratégia situa o livro que o leitor lerá com uma espécie de contra-escritura. A posição do autor-sobrevivente com relação à sua tradição religiosa será de hostilidade.

Assim se dá, e, mais adiante no relato, encontramos a crua cena de uma Execução. Os nazistas haviam prendido alguns prisioneiros com planos de fuga e resolveram fazer deles um exemplo. A Execução foi um grande evento e :

Then came the march past the victims. The two men were no longer alive. Their tongues were hanging out, swollen and bluish. But the third rope was still moving: the child, too light, was still breathing... And so he remained for more than half an hour, lingering between life and death, writhing before our eyes. And we were forced to look at him at close range. He was still alive when I passed him. His tongue was still red, his eyes not yet extinguished. Behind me, I heard the same man asking:

"For God's sake, where is God?"

And from within me, I heard a voice answer: "Where He is? This is where—hanging here from this gallo w s ... “ That night, the soup tasted of corpses. (WIESEL, 2006: 65)

A concepção teológica judaica não pode conceber tamanha barbárie simultaneamente com a idéia de uma divindade presente e preocupada com seus filhos. Uma divindade que fez um pacto de proteção e que nunca quebra sua palavra. O

desespero físico e lógico leva à pergunta dolorida sobre onde está deus. O fato e a crença entram em choque. Para Wiesel, não há o que pensar, há apenas revolta. Deus não existe, existe a brutalidade humana. Deus estava novamente morto, não mais no madeiro da cruz, não mais nas palavras de Zaratustra, mas em Auschwitz, igualmente no absurdo do sofrimento e da desumanização máximas. Pouco tempo depois, as autoridades nazistas permitiram que os prisioneiros celebrassem o ano novo judaico, o rosh rashana, em pleno campo de concentração. A insólita cena é assim descrita por Wiesel:

"Blessed be the Almighty..." The voice of the officiating inmate had just become audible. At first I thought it was the wind. "Blessed be God's name..." Thousands of lips repeated the benediction, bent over like trees in a storm. Blessed be God's name? Why, but why would I bless Him? Every fiber in me rebelled. Because He caused thousands of children to burn in His mass graves? Because He kept six crematoria working day and night, including Sabbath and the Holy Days? Because in His great might, He had created Auschwitz, Birkenau, Buna, and so many other factories of death? How could I say to Him: Blessed be Thou, Almighty, Master of the Universe, who chose us among all nations to be tortured day and night, to watch as our fathers, our mothers, our brothers end up in the furnaces? Praised be Thy Holy Name, for having chosen us to be slaughtered on Thine altar... And I, the former mystic, was thinking: Yes, man is stronger, greater than God. When Adam and Eve deceived You, You chased them from paradise. When You were displeased by Noah's generation, You brought down the Flood. When Sodom lost Your favor, You caused the heavens to rain down fire and damnation. But look at these men

whom You have betrayed, allowing them to be tortured, slaughtered, gassed, and burned, what do they do? They pray before You! They praise Your name! "All of creation bears witness to the Greatness of God!" In days gone by, Rosh Hashanah had dominated my life. I knew that my sins grieved the Almighty and so I pleaded for forgiveness. In those days, I fully believed that the salvation of the world depended on every one of my deeds, on every one of my prayers. But now, I no longer pleaded for anything. I was no longer able to lament. On the contrary, I felt very strong. I was the accuser, God the accused. My eyes had opened and I was alone, terribly alone in a world without God, without man. Without love or mercy. I was nothing but ashes now, but I felt myself to be stronger than this Almighty to whom my life had been bound for so long. In the midst of these men assembled for prayer, I felt like an observer, a stranger. (WIESEL, 2006: 68)

Apesar do absurdo e do sofrimento além de tudo o que poderiam imaginar, os prisioneiros rezaram. Wiesel, porém rebelou-se internamente, a única rebelião possível para ele naquela situação. Sua raiva tornou-se uma celebração da potência humana, dos momentos em que a humanidade desafiou deus e este, irado, realizou atos extremos. Deus não conseguia se controlar, não podia vencer os homens senão pela aniquilação física, uma apelação, uma arma dos fracos. Ele então se torna como o prisioneiro autor do grafite de Auschwitz, se há um deus ele teria de lhe pedir perdão de joelhos. Ele era agora o satã, o acusador, deus era o fraco, o errado, não ele. Sua consciência se fortalece, é um momento de despertar, mas também de dor e por isso igualmente de muita força. Isso o faz sentir-se diferente dos outros. Ele se sente um estranho, um observador, ele se elevou, se retirou daquele lugar, por um instante é como se não fosse um prisioneiro, mas alguém a quem se deve, e muito e que quer cobrar.

As Experiências tão vivamente narradas por Wiesel encontram ressonância no pensamento de um dos maiores teólogos judeus a se dedicar à questão do Holocausto: Eliezer Berkovitz (1908-1992). Tendo vivido pessoalmente a tragédia de seu povo, Berkovitz sentiu-se impelido a buscar-lhe um sentido e a confrontar as difíceis questões teológicas levantadas por um evento da grandeza da Shoá.¹ Antes de iniciar, porém, a apresentação de suas ideias, talvez caiba uma estratégia bastante judaica: uma anedota.

Havia um Rabino muito santo, a quem o Eterno enviou um anjo, dizendo:

-Rabino, encontre graça diante do Eterno, peça qualquer coisa e lhe será concedida.

- Posso pedir qualquer coisa?- Replicou o rabino.

- O que quiser. Assegurou o anjo.

-Pois muito bem. Ó Deus de nossos pais, Senhor de Abraão, de Isaac e de Jacó, faça uma enorme favor a todos os judeus...escolha outro povo!

Essa anedota, na linha tão tradicional das histórias rabínicas, como bem as estudou, entre outros Martin Buber (1995), encerra uma questão teológica muito séria: Por que Deus permite tanto sofrimento contra seu povo escolhido? Se houvessem sido eleitos, podem pensar, talvez não sofressem tanto. Então, diante de tão excruciantes dores, gostariam de pedir que outro povo fosse escolhido. Há, ainda, outro ponto por detrás dessa anedota. A escolha e, a quase consequente, perseguição do povo judeu se inscreve em uma perspectiva divinizada da história. Todas as ações da história humana, nessa perspectiva, seriam guiadas por uma inteligência superior, a qual teria uma predileção pelo povo de Israel. Assim, como conciliar a perspectiva rabínica da história como Epifania e a Shoá?

¹ As referências às ideias de Berkovitz serão retiradas de BERKOVITZ (1973) e FINGUERMAN (2012).

Outras perguntas igualmente graves permeiam as reflexões de Berkovitz e, direta ou indiretamente, as de Wiesel. Uma delas diria, por exemplo, respeito ao martírio. A palavra tem origem grega e indica testemunha, ou seja, alguém capaz de permanecer firme e sustentar sua crença diante de quaisquer adversidades quase sempre tendo de confrontar alguma autoridade que lhe seja contrária, normalmente esse testemunho custa não somente uma grande coragem, mas também um enorme sofrimento físico da parte de quem sofre, não raro incorrendo na perda da própria vida, não somente sua, mas igualmente de membros de sua família, os quais, em regra, o bom mártir prefere ver mortos a apóstatas.

Acontece que na opinião judaica mais corrente, ao menos até o período do holocausto, a idéia de mártir e de martírio estava intimamente ligada à ideia de escolha. Ou seja, o mártir seria confrontado pela autoridade que o colocaria da possibilidade de optar entre continuar com sua fé antiga e morrer, ou abjurar e continuar vivo. Foi assim, por exemplo durante as cruzadas, quando populações quase inteiras optaram pela morte, causando grande comoção nos judeus do mundo inteiro.

Durante o nazismo, porém, os judeus não tiveram escolha. Corajosos e covardes foram igualmente massacrados. Muitos dos que foram mortos, se lhes houvesse sido dada a escolha arquetípica dos mártires, talvez tivessem abjurado. Essas pessoas, entretanto, foram mortas pela fé e, mesmo sendo capazes, não a renegaram. Teriam os judeus da shoá sofrido martírio ou, em linguagem judaica mais corrente, teriam santificado o Nome, teriam realizado *Kidush haShem*?

Berkovitz acredita que esta seria a mais sublime forma de martírio. Por não haver escolha, o indivíduo sente-se ainda mais desesperado. Diante do abandono total de Deus, os homens insistem, teimosamente, em amá-lo. Há casos famosos de judeus que começaram a dançar, em êxtase, diante das metralhadoras da gestapo. Celebravam aquilo que muitos veriam como a maior de todas as traições. Uma fé assim tão grande se aproxima da loucura. Um amor assim tão grande não pode deixar de ser admirado e um gesto de entrega tão completa não pode ser classificado senão como um testemunho de fé, martírio.

Em inúmeros relatos de sobreviventes, inclusive naqueles trazidos por Wiesel em *a noite* surge, quase que naturalmente, a afirmação: Isso é um castigo pelos pecados do povo! Wiesel, em sua visão profundamente ferida pela dor enxergará nessa acepção apenas uma tolice por cima de outra. A tolice inicial da crença em Deus, somada à tolice paroxística de acreditar em uma divindade toda amor, misericórdia e justiça, capaz de punir um povo inteiro, milhões de inocentes, muitos de outros povos, por pecados cometidos ao longo de séculos por culpados que já nem eram mais vivos. A “explicação” de “isso é por causa de nossos pecados” é igualmente recusada por Berkovitz. Como alguém que crê, ele não nega que D’us já tenha punido o povo antes, mas no caso da Shoá, ele enxerga razões puramente humanas.

Os judeus eram uma minoria, sem refúgio seguro, sem armas para se defender fisicamente de agressões, com bens a serem espoliados, eram um alvo fácil, um bode expiatório propício, nada mais. A pergunta não é onde estava Deus, a pergunta deveria ser onde estava o homem. A possibilidade da Shoá é um fracasso da humanidade, de todo um projeto de civilização.

Uma questão sempre levantada e muito fortemente enfrentada por Wiesel em seu relato e pela experiência coletiva de todo o povo judeu durante a shoá é o problema do mal. A pergunta arquetipicamente representada em Jó: por que sofre o justo? Por que Deus criou um mundo em que isso é possível? Para Berkovitz isso é um pensamento antropocêntrico. Talvez nós quiséssemos criar um perfeito, caso fôssemos deuses, mas isso não obriga Deus a fazer algo só porque nós faríamos caso fôssemos como ele, ou porque achamos que tal seria mais de acordo com o que pensamos ser a “natureza” dele.

Deus, sendo perfeito, quis criar um mundo imperfeito. Isso faz todo o sentido, pois se o mundo fosse absolutamente perfeito, como o próprio Deus, não se diferenciaria dele. O mundo só pode existir se for imperfeito. Caso contrário ele se fundiria no criador. É o mal que traz a imperfeição ao mundo e permita que ele seja. O mal é condição necessária para a diferenciação entre o mundo e Deus, logo é o que permite a existência do mundo, o que o impede de se fundir com seu criador, mergulhando na indiferenciação.

Wiesel e Berkovitz olharam de frente o absurdo do holocausto, ambos tiveram angústias profundíssimas oriundas não apenas de suas tradições, mas de seu sofrimento pessoal. As respostas dadas por cada um porém, foram muito diversas, como o são as reações humanas, sempre banhadas pela liberdade.

Referências

BERKOVITZ, Eliezer. Faith After Holocaust, Ktav, New York, 1973.

BUBER, Martin. Histórias do rabi, Perspectiva, São Paulo, 1995.

FINGUERMAN, Ariel. A teologia do holocausto, paulus, São Paulo, 2012.

WIESEL, Elie. Night. Neil and Young, New York, 2006.